

## **O GÊNERO RESENHA DE FILME: UMA ANÁLISE DESCRITIVA DAS CAPACIDADES DE AÇÃO E DISCURSIVA**

Thaís Cavalcanti dos Santos<sup>1</sup>; Kathia Alexandra Lara Canizares<sup>2</sup>; Rosa Maria Manzoni<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Mestranda em Docência para a Educação Básica – Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru/SP – thatacari@gmail.com; <sup>2</sup>Mestranda em Docência para a Educação Básica – Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru/SP. Professora na ETEC/Botucatu, Centro Paula Souza - CPS – kalcaniza@hotmail.com;

<sup>3</sup>Professora Doutora do Curso Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica – Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru/SP. – romama@hotmail.com

### **RESUMO**

O presente trabalho, à luz das teorias da Enunciação e dos Gêneros do Discurso, de Mikhail Bakhtin, bem como da Engenharia do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), de Jean-Paul Bronckart, traça uma análise descritiva das capacidades de linguagem do gênero resenha de filme, a fim de possibilitar sua utilização como parte de uma sequência didática. A escolha do gênero justificou-se em sua circulação social em campos de interesse e vivência dos estudantes, o que possibilita ampliar habilidades de uso e reflexão da língua de modo autônomo e crítico, como preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O presente trabalho foi motivado por uma percepção, decorrente de nossa experiência profissional com estudantes de ensino médio, da necessidade de aprimoramento no trabalho com gêneros em sala de aula. Isso nos levou à pesquisa bibliográfica que fundamentou uma parte da modelização do gênero resenha de filme a partir da engenharia do ISD, descrevendo as capacidades de ação e discursiva, didatizando suas dimensões ensináveis para uso em sala de aula, segundo proposto por Jean-Paul Bronckart.

**Palavras-chave:** ISD. Gênero discursivo. Modelização. Resenha de filme.

### **1. INTRODUÇÃO**

Entre os desafios para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio, encontra-se a permanência de uma visão acerca da língua como um sistema objetivo, abstrato e imutável que deve ser estudado de modo desvinculado da vida. Bakhtin (2006) intitula essa tradição de “objetivismo abstrato” e atribui a essa orientação filosófica de cunho racionalista e tecnicista uma visão engessada de língua que não oferece espaço para a interação social, para a vida e a renovação constante da língua. De fato, tal desconexão entre a língua e as relações sociais tem gerado, nos estudantes, grande desinteresse pela leitura e produção de textos e, quando não, uma imensa dificuldade de compreensão da língua como algo vivo que permeia suas relações cotidianas.

É nessa esteira que a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) estabelece como foco do trabalho com Linguagens no Ensino Médio a ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria do estudante nas práticas de linguagem, a fim de consolidar e ampliar suas habilidades de uso e reflexão sobre elas, mobilizando esses conhecimentos tanto na recepção quanto na produção de discursos em diferentes campos de atuação (BNCC, p.

481). Para isso, o documento propõe como parâmetro o uso de diferentes procedimentos, sobretudo o trabalho com gêneros discursivos, centrado no estudo de suas características, articulando-os com outras áreas ou com os projetos e vivências pessoais do estudante.

O objetivo principal do presente estudo foi construir o modelo didático do gênero resenha de filme, visando a sua utilização como instrumento de ensino pelo docente. No presente trabalho, as teorias da Enunciação e dos Gêneros do Discurso, de Mikhail Bakhtin (2006), bem como a Engenharia do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), de Jean-Paul Bronckart (2003), orientaram a análise descritiva do gênero resenha de filme por capacidades discursiva e de ação.

Embora este trabalho tenha sua iniciação em nossas experiências em sala de aula, parte essencialmente de uma pesquisa documental - bibliográfica - para a formulação de uma proposta didática para o trabalho com o gênero. A pesquisa inicia-se com uma breve explanação das teorias que fundamentam a confecção de modelizações de gênero. Posteriormente, apresenta-se um detalhamento do gênero resenha de filme, organizada por capacidades de linguagem. Por fim, apresentam-se os principais tópicos que podem ser utilizados na confecção de sequências didáticas para o ensino deste gênero.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 ENUNCIÇÃO E GÊNEROS DO DISCURSO

Bakhtin e Volochínov (2006) formularam as bases da teoria da enunciação, segundo a qual a expressão verbal é essencialmente social. Isso quer dizer que não se pode pressupor uma língua desvinculada de uma situação concreta de interação social. Nesse sentido, afirmam que:

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as (BAKHTIN, 2006, p.101).

Assim, a interação verbal configura-se como processo dialógico que pressupõe uma postura ativa tanto do locutor quanto dos interlocutores envolvidos. É no horizonte social presente nas interações concretas que pressupõe um auditório que se modelam as formas verbais. É nessa expressão socialmente constituída que se organiza o pensamento, que se formam identidades e papéis sociais.

Na realidade concreta das interações sociais, a enunciação se concretizará em tipos relativamente estáveis de enunciado, os chamados gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997). Nas atividades da linguagem, a sociedade produz linguagem oral e escrita, contribuindo para o acervo infinito de gêneros discursivos. Na construção da ação de linguagem consciente, de caráter individual, é estimulada a autorregulação, enquanto as capacidades de ação, discursiva e enunciativa, são operações mobilizadas ao longo do desenvolvimento das etapas da produção (BAKHTIN, 1997).

A compreensão dos diferentes gêneros do discurso permite a participação, em maior ou menor grau, no cotidiano do entorno social imediato e na transmissão da história. Bakhtin (1997) salienta que, mesmo dos diálogos do cotidiano, estão presentes os elementos constitutivos do gênero, em função do tema, da situação e da composição dos participantes daquela interação. Entretanto, é da passagem desses gêneros chamados por ele de primários

(mais afeitos às práticas cotidianas, sobretudo orais) para os secundários (mais complexos e consolidados especialmente na escrita) que surgem as condições para um convívio cultural mais organizado e lapidado. Nesse sentido, justifica-se a escolha da resenha de filme para modelização de gênero. Embora as práticas discursivas cotidianas dos estudantes envolvem diálogos ou comentários informais acerca de filmes, a transposição desses gêneros informais para situações mais formais constitui, muitas vezes, um desafio.

## 2.2 ENGENHARIA DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO (ISD)

Partindo do que foi exposto por Bakhtin (1997 e 2006) acerca da enunciação e dos gêneros do discurso, Bronckart (2003) desenvolveu a teoria da Engenharia do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Para ele,

a organização dos gêneros apresenta-se, para os usuários de uma língua, na forma de uma nebulosa, que comporta pequenas ilhas mais ou menos estabilizadas (gêneros que são claramente definidos e rotulados) e conjuntos de textos com contornos vagos e em interseção parcial (gêneros os quais as definições e os critérios de classificação ainda são móveis e/ou divergentes) (BRONCKART, 2003, p. 74).

Segundo Bronckart (2003), a conduta humana perpassa permanentemente um processo histórico de socialização, na qual o homem desenvolve instrumentos semiotizados utilizados em diferentes processos de comunicação. Nesse sentido, Bronckart (2003) fala em Capacidade de Ação como aquilo que corresponde a um provável poder-fazer e relaciona-se ao contexto físico da ação de linguagem (parâmetros sociais, lugar de produção, momento de produção, produtor e receptor do texto), ao contexto sociossubjetivo (lugar social, posição social do enunciador e interlocutor, objetivo da interação), e ao conteúdo temático ou referente relacionado aos conhecimentos pessoais e temas que serão verbalizados no texto.

À luz da Engenharia do ISD, os gêneros discursivos se constituem por três “folhados” concomitantes, sendo eles, no nível englobante, a infraestrutura geral do texto; no nível intermediário, os mecanismos de textualização e, no nível superficial, os mecanismos de enunciação.

Concebemos a organização de um texto como um folhado constituído por três camadas superpostas: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos (BRONCKART, 2003, p. 119).

Esses estratos constituintes são estruturados a partir da mobilização de diferentes capacidades.

A Capacidade Discursiva, segundo Bronckart (2003), consiste em uma série de escolhas: dos elementos constituintes do plano geral do texto (layout), das ações relacionadas ao tipo de discurso (teórico, narração, relato interativo e interativo) e das relacionadas à sequência textual (argumentativa, expositiva, narrativa, descritiva, dialogal, injuntiva).

Em relação aos tipos discursivos, Bronckart (2003) afirma que eles nascem nas coordenadas gerais dos mundos discursivos. O autor descreve as características do discurso da ordem do NARRAR, do mundo discursivo em outro lugar, realista ou ficcional, e da ordem do EXPOR, conjunto ou disjunto, implicado ou autônomo. Dessa forma, surgem os quatro mundos discursivos: NARRAR implicado, NARRAR autônomo, EXPOR implicado e EXPOR autônomo. Quanto às sequências textuais, originadas em operações dialógicas, elas aparecem em número delimitado e observadas no interior dos tipos de discurso; assim:

sequência argumentativa, narrativa, expositiva, descritiva, dialogal e injuntiva. Para Bronckart (2003, p.252):

As sequências narrativas só aparecem nos relatos interativos e nas narrações; as sequências explicativas, argumentativas e injuntivas só nos discursos teóricos e nos interativos monologados; as sequências dialogais, enfim, só nos discursos interativos dialogados.

Bronckart (2003) ainda aponta a os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos como fundamentais para a coerência geral de um texto, o que formariam a Capacidade Linguístico – Discursiva, o que, no entanto, não corresponde ao objeto deste trabalho.

Para visualizar as dimensões ensináveis do gênero e utilizá-lo com legitimidade em sala de aula, é indispensável se apropriar dele, por isso, o primeiro passo é modelizar, exaustivamente, o gênero escolhido (princípio de legitimidade) (DOLTZ, GAGNON, DECÂNDIO, 2010).

### **3. METODOLOGIA**

O presente trabalho foi realizado a partir do estudo e pesquisa bibliográfica das orientações teórico-práticas da Enunciação e Gêneros do Discurso, de Mikhail Bakhtin, da Engenharia do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), de Jean-Paul Bronckart. Como partimos de inquietações decorrentes de nossa prática profissional, lecionando Língua Portuguesa para estudantes do ensino médio, não houve pesquisa de campo nem coleta prévia de produções textuais de alunos. A partir da pesquisa bibliográfica, pôde-se segmentar, analisar, detalhar e confeccionar a análise descritiva das capacidades de linguagem do gênero.

### **4. ANÁLISE DESCRITIVA DAS CAPACIDADES DE AÇÃO E DISCURSIVA**

A produção do gênero discursivo resenha de um filme constitui uma leitura crítica sobre um filme previamente visto. Nela, o resenhista estabelece um diálogo intertextual, reescreve, recria e, portanto, ressignifica uma obra cinematográfica e, dessa forma, intervém no mundo ao produzir um novo conhecimento (MASCARELLO, 2013).

O modelo didático do gênero discursivo resenha de filme, segundo o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) desenvolvido por Bronckart (2003), foi esquematizado no Quadro 1, onde estão especificadas as capacidades de ação e discursiva.

#### **4.1 CAPACIDADE DE AÇÃO**

O querer-dizer do resenhista ampara-se primeiramente na escolha do gênero discursivo, que neste caso constitui a resenha de filme, própria da esfera jornalística. Neste sentido, Bakhtin (2006, p. 282) afirma que “essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição dos seus participantes, etc.” Por outro lado, no processo de transposição didática externa (BARROS, 2012) ou na construção de modelos didáticos (MACHADO; CRISTOVÃO, 2006), considera-se o gênero

resenha de filme como instrumento para o desenvolvimento das capacidades de linguagem do aluno, por isso fala-se da esfera escolar.

Na Engenharia didática do ISD, a produção do gênero discursivo resenha de filme envolve uma conduta de intervenção intencional, chamada de ação (BRONCKART, 2003). Assim, podem ser hierarquizados os seguintes aspectos relacionados à capacidade de ação (Figura 1).

#### 4.1.1 Contexto físico ou situação de produção

a) Lugar de produção: a produção do gênero discursivo resenha de filme pode acontecer na sala de aula, na casa dos resenhistas ou em salas de edição de revistas e jornais.

b) Momento de produção (contexto histórico imediato): na escola, o momento de produção pode acontecer nas aulas, seja de Língua Portuguesa, seja de outra disciplina, ou ainda de forma interdisciplinar; no ambiente jornalístico, o momento da produção pode ter uma frequência periódica semanal ou mensal.

c) Emissor do texto (autor): no ambiente escolar, a autoria é do aluno, de forma individual ou em produção colaborativa; no ambiente jornalístico, o autor é o resenhistas do filme.

d) Receptor: na escola, o receptor é o docente responsável pela atividade ou os demais estudantes; no âmbito jornalístico, o receptor corresponde aos leitores interessados.

#### 4.1.2 Contexto sociossubjetivo de produção

a) Lugar histórico-social da interação: a sala de aula na escola e diferentes locais onde editoras de revistas/jornais impressos e/ou online disponibilizem espaço para essa interação.

b) Posição social do enunciador: espectador crítico do filme, seja o aluno, na esfera escolar, seja o resenhistas, crítico de filmes, colunista ou especialista em resenhas, na esfera jornalística.

c) Posição social do interlocutor: professores de diferentes disciplinas bem como leitores interessados em produções cinematográficas ou no tema abordado por aquela que foi resenhada, prováveis futuros espectadores do filme.

d) Objetivo da interação: oferecer ao leitor – e provável futuro espectador do filme – um panorama sobre o filme para fomentar o interesse em vê-lo.

#### 4.1.3 Conteúdo temático

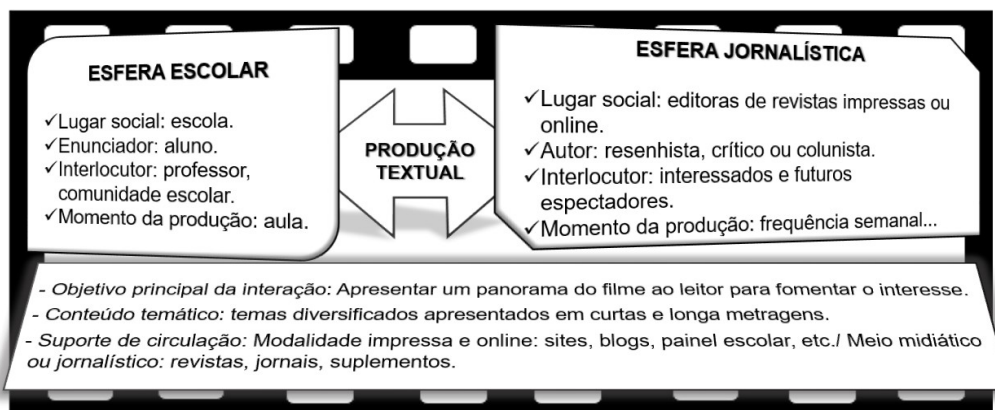
O referente da resenha de filme abrange temas diversificados apresentados em curta e longa metragens. Na esfera escolar, o conteúdo temático pode ser direcionado para questões da área social, econômica, ambiental, política e comportamental do indivíduo como ente social.

#### 4.1.4 Suporte de circulação

Na escola, painel de resenhas. Modalidade impressa e online: sites, blogs, painel escolar. Meio midiático ou jornalístico: revistas, jornais, suplementos, etc.

Berbare (2003) denomina a resenha de filme como crítica de cinema, da esfera jornalística, pois pode ser encontrado em jornais e revistas visando informar os leitores e futuros espectadores sobre filmes, em cartaz ou com estreia próxima.

Figura 1 - Contexto de produção da resenha de filme



Fonte: elaborada pelas autoras

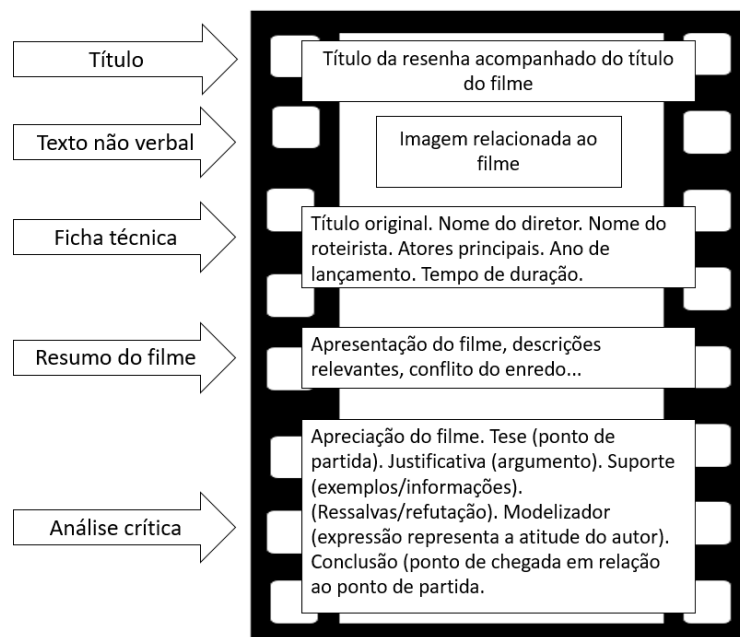
## 4.2 CAPACIDADE DISCURSIVA

Segundo Bronckart (2003, p. 120), a infraestrutura geral do texto corresponde ao nível mais profundo e é organização em plano geral, tipos de discurso, modalidade de articulação e sequências discursivas. No gênero discursivo resenha de filme, a capacidade discursiva pode ser hierarquizada da forma descrita abaixo.

### 4.2.1 Plano geral do texto (organização global)

O gênero apresenta a organização dos textos informativos, descritivos e argumentativos (Figura. 2). Um título precede a resenha e pode acompanhar o título do filme resenhado. Logo são apresentados os dados técnicos do filme como nome do diretor, roteirista e principais atores; ano de produção e tempo de duração. Segundo Lima (2015, p.4) “esses elementos com grande frequência são postos no primeiro parágrafo e em seguida costumam ser retomados no desenvolvimento do gênero”. Para Barros e Nascimento (2005) o resumo do filme e a crítica fundamentada podem estar inseridos no desenvolvimento ou a crítica pode aparecer após a síntese do filme resenhado.

Figura 2 - Organização global, em um plano visual, do gênero discursivo resenha de filme



Fonte: Esquematizado pelas autoras

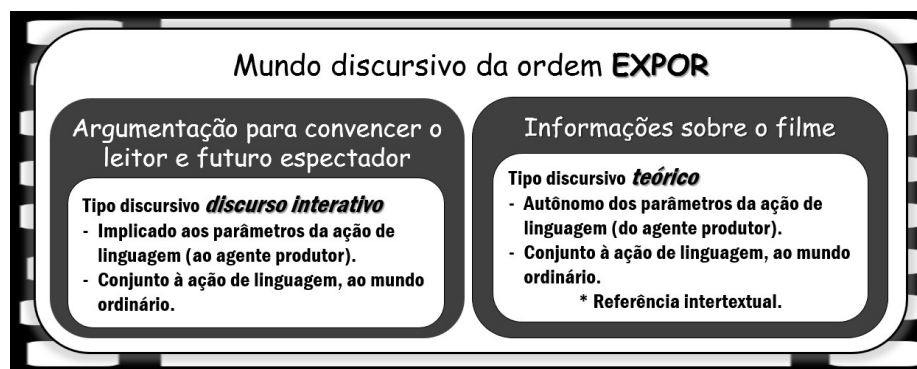
O tema principal apresenta o resumo do filme, a apreciação crítica do resenhista acompanhada da argumentação. Lima (2015) afirma que as resenhas de filme podem conter conteúdos de diferentes partes do filme assim como a descrição das ações principais das personagens. Além disso, o resenhista pode partir de uma tese, que representa o ponto de vista a ser defendido por ele, emitir avaliações sobre o filme e usar justificativas, explicações e fundamentações, examinar argumentos, dados e exemplos, analisar e avaliar outras informações (intertextualidade) para chegar a uma conclusão ou ponto de chegada.

#### 4.2.2 Tipo de discurso

A resenha de filme é um gênero discursivo no qual o autor informa e apresenta apreciações fundamentadas sobre um filme. Dessa forma, o tipo de discurso pode ser dos mundos discursivos de Bronckart (2003) da ordem do EXPOR. Do mundo discursivo da ordem do EXPOR, o tipo discursivo teórico (conjunto e autônomo) e o tipo discursivo discurso interativo (conjunto e implicado).

Segundo Bronckart (2003), no discurso teórico, monologado predominam as formas do presente, com valor genérico. Nesse tipo de discurso, o conteúdo temático é organizado em um mundo discursivo não distanciado do mundo ordinário do autor, com autonomia completa em relação aos parâmetros físicos da ação de linguagem de que o texto se origina. As informações técnicas sobre o filme estão associadas ao discurso teórico, além disso, de acordo com Bronckart (2003), os organizadores lógico-argumentativos são do domínio deste discurso. Já as argumentações que objetivam o convencimento do futuro espectador correspondem ao discurso interativo. Para Lima (2015), o tipo discursivo predominante da resenha de filme é o discurso teórico.

Figura 3 – Tipos textuais do gênero discursivo resenha de filme



Fonte: Esquematizado pelas autoras

#### 4.2.3 Sequência textual

Em relação à organização sequencial ou linear do conteúdo temático, a resenha de filme apresenta, de modo predominante, a sequência argumentativa, entretanto possui também sequências narrativa e descritiva (Figura 4).

A sequência argumentativa, cujo estatuto dialógico é o de convencer, está organizada em um raciocínio argumentativo: uma tese a respeito de um assunto, dados novos que são objeto de análise e que conduzem a uma conclusão ou nova tese. Ainda dentro da análise dos dados, eles podem ser justificados ou delimitados a partir de restrições. Assim, o processo de semiotização do raciocínio argumentativo pode ser apresentado em quatro momentos: fase de premissas ou dados (constatação inicial), fase de apresentação de argumentos ou suporte, fase de contra-argumentação ou de restrição e fase de conclusão ou nova tese (BRONCKART, 2003). Segundo Barros e Nascimento (2005), o resumo do enredo serve de ancoragem para o desenvolvimento dos argumentos do resenhista.

A sequência narrativa, estatuto dialógico de tensão, é desenvolvida no relato das ações das personagens, pois esta sequência é sustentada por um processo de intriga das personagens implicadas em acontecimentos sucessivos, com começo, meio e fim (BRONCKART, 2003, p. 219). Neste sentido, Lima (2015) utiliza as sequências narrativas para orientar os leitores nas diferentes partes do filme, para facilitar a compreensão das intenções do diretor do filme. Para apresentar informações não organizadas em ordem linear obrigatória, detalhadas de forma objetiva, relacionadas às características técnicas do filme ou a serviço das outras sequências, na resenha de filme, utiliza-se também a sequência descritiva (Bronckart, 2003).

Figura 4 – Sequências textuais do gênero discursivo resenha de filme



Fonte: Esquematizado pelas autoras

#### Quadro 1 - Síntese descritiva das capacidades de ação e discursiva do gênero resenha de filme



<b>Capacidade de ação</b>	Contexto físico da situação de produção	<b>Lugar de produção:</b> sala de aula/ casa do resenhista, sala de edição de revistas e jornais.
		<b>Momento de produção:</b> aulas multidisciplinares/ ambiente jornalístico, com frequência semanal, mensal e outras.
		<b>Emissor do texto:</b> aluno/ resenhista, autor de resenhas de filmes.
	Contexto sócio subjetivo de produção	<b>Receptor:</b> professor, outros estudantes, leitores de jornais e revistas e interessados.
		<b>Lugar histórico-social da interação:</b> escola/ editoras de revistas impressas ou online.
		<b>Posição social do enunciador:</b> aluno/ resenhista, crítico de filmes, colunista ou especialista.
<b>Posição social do interlocutor:</b> professor, leitores e prováveis futuros espectadores do filme em painéis escolares, revistas, sites ou jornais, envolvidos ou interessados no tema abordado pelo filme ou no próprio filme.		
<b>Objetivo da interação:</b> Apresentar um panorama do filme ao leitor para fomentar o interesse em vê-lo.		
<b>Conteúdo temático:</b> temas diversificados apresentados em curta e longa metragens.		
<b>Suporte de circulação:</b> Modalidade impressa e online: sites, blogs, painel escolar, etc./ Meio midiático ou jornalístico: revistas, jornais, suplementos.		

<b>Capacidade discursiva</b>	<b>Plano geral do texto:</b> Título da resenha, nome do filme, nome do diretor, roteirista e principais atores, tema, resumo do filme e apreciação crítica fundamentada.
	<b>Tipo de discurso predominante:</b> Mundo discursivo da ordem do <i>EXPOR</i> : tipo discursivo <i>teórico</i> , conjunto e autônomo (informações técnicas sobre o filme); tipo discursivo <i>discurso interativo</i> , conjunto e implicado (para convencer o leitor).
	<b>Sequência textual:</b> estatuto dialógico tensão, convencer e fazer ver. Sequência <i>argumentativa</i> predominante (convencer o leitor) Sequência <i>narrativa</i> (enredo do filme); e sequência <i>descritiva</i> (apresentação do filme) secundárias.

Fonte: elaboração das autoras

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resenha de filme é um texto opinativo que avalia um longa-metragem, no qual o resenhista, em pleno desenvolvimento de ação de linguagem, tece um raciocínio argumentativo e dialoga com outros textos com o objetivo de persuadir o leitor a assistir ao filme resenhado.

À luz das teorias do ISD, neste estudo foi possível descrever as capacidades de ação e discursiva do gênero discursivo resenha de filme e esquematizar a sua infraestrutura apresentando algumas dimensões ensináveis deste gênero para posterior utilização no planejamento de sequências didáticas.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da Criação Verbal. (Tradução M. E. Galvão). 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem** (V. N. Volochinov) (trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira) 12ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARROS, E. M. D.; NASCIMENTO, E. L. **Resenha cinematográfica**: um gênero textual para o ensino de língua portuguesa na abordagem do interacionismo sócio-discursivo. Anais do III Encontro Científico do curso de Letras, 2005. Disponível em <[http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2005\\_g/2005/textos/010.html](http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2005_g/2005/textos/010.html)>. Acesso em: abr. 2018.

BARROS, E. M. D. **Transposição didática externa**: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa. Raído, Dourados, MS, v. 6, n.11, p.11-35, jan/jun, 2012. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/viewFile/1687/1145>>. Acesso em: mar. 2018.

BERBARE, A. P. **Crítica de cinema**: caracterização do gênero para projetos de produção escrita na escola. In: Estudos Linguísticos, v. 32. 2003. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/cc005.htm>>. Acesso em: mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (Ensino Médio)**. Brasília-DF, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf)>. Acesso em: abr. 2018.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. (Tradução Ana Raquel Machado e Péricles Cunha). São Paulo: Educ, 2003.

DOLTZ, J.; GAGNON, R.; DECÂNDIO, F. **Produção escrita e dificuldade de aprendizagem**. (Tradução Decândio e Machado). Campinas: Mercado das Letras, 2010.

LIMA, P. S. **O gênero resenha na sala de aula**: desenvolvendo as capacidades de linguagem. Littera Online, n. 10, 2015. Disponível em <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/3563>>. Acesso em: mar. 2018.

MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO V. L. L. **A construção de modelos didáticos de gêneros**: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, v.6, n.3, p. 547-573., set/dez, 2006. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/0603/060309.pdf>>. Acesso em: abr. 2017.

MASCARELLO, L. J. **Pensando sobre a estrutura e organização da resenha crítica**. Revista de Letras. v. 15, n. 17, 2013. Disponível em <<https://periodicos.utfrpr.edu.br/rl/article/view/2384>>. Acesso em: mar. 2018.

## **THE GENDER MOVIE REVIEW: A DESCRIPTIVE ANALYSIS OF ACTION AND DISCURSIVE CAPACITIES**

### **ABSTRACT**

---

Universidade do Sagrado Coração  
Rua Irmã Armanda, 10-50, Jardim Brasil – CEP: 17011-060 – Bauru-SP – Telefone: +55(14) 2107-7000  
[www.usc.br](http://www.usc.br)

The present work, in the light of Mikhail Bakhtin's Theories of Enunciation and the Genres of Discourse, as well as Jean-Paul Bronckart's Socio-discursive Interactionism Engineering (SDI), outlines an descriptive analysis of the language capabilities of the genre film review, in order to enable its use as part of a didactic sequence. The choice of the genre was justified in its social circulation in fields of interest and experience of the students, which makes it possible to extend the use and reflection of the language in an autonomous and critical way, as advocated by the National Curricular Common Base (BNCC). The present work was motivated by a perception, due to our professional experience with high school students, of the need for improvement in the work with genres in the classroom. This led us to the bibliographical research that grounded a part of the modeling of the genre film review from ISD engineering, describing the action and discursive capacities, didatizing its teachable dimensions for use in the classroom, as proposed by Jean-Paul Bronckart

**Keywords:** ISD. Genres of Discourse. Modeling. Movie review.